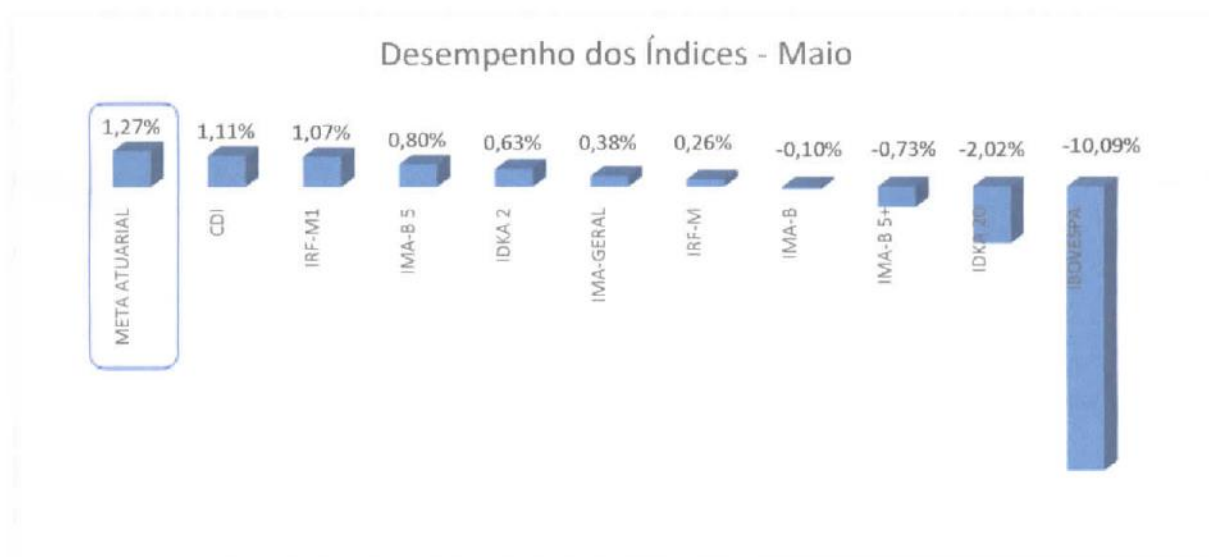


Ainda pautado pela cena política, o noticiário de maio ficou focado nos casos de afastamento de ministros envolvidos em escândalos de corrupção em detrimento da recuperação (?) da economia.

A aprovação do déficit público, de R\$ 170 bilhões, foi um passo importante no sentido de dar mais transparência às contas públicas e de mostrar força do novo governo frente ao Congresso.

No noticiário externo, cresceu a expectativa de elevação dos juros nos EUA, o que influenciou negativamente os índices de mercado no Brasil. O Ibovespa acumulou queda de 10%, enquanto o dólar voltou a subir, encerrando o mês cotado a R\$ 3,60. Na renda fixa, a elevação das curvas de juros futuros prejudicou o desempenho dos principais índices, no entanto, o enfraquecimento da inflação têm colaborado para que o mercado entenda que um ciclo de baixa da Selic deve começar em breve.

O compromisso da equipe econômica com volta do tripé macroeconômico (superávit primário, meta de inflação e câmbio flexível) deve ajudar, mas para que a economia retome a rota do crescimento depende muito do Congresso, o que deixa o cenário extremamente incerto. A insistência em elevar gastos, a exemplo dos reajustes salariais dos servidores públicos ocorrida em maio, vai na contramão do ajuste que o Brasil precisa.



Como visto no gráfico acima, a instabilidade do mercado, até abril vinha sendo benéfica, com a expectativa de mudança de governo, a adoção de uma política econômica mais ortodoxa e a consequente redução das taxas de juros futuras que, conforme comentamos em Cartas anteriores, beneficia índices como IMA-B e IRF-M.

No entanto, maio já se mostrou diferente e o “líder” entre os índices foi a meta atuarial, dando sinais que os desafios continuarão até o final do ano.

Ainda que o resultado de maio não tenha sido bom, no acumulado do ano, a meta atuarial ainda é superada por alguns dos principais índices, como pode ser visto no gráfico a seguir:

### Desempenho dos Índices - 2016

